

DA PROPENSÃO DA RÚSSIA PARA SE EXPANDIR PARA OCIDENTE

Às primeiras horas de 24 de Fevereiro de 2022, o presidente da Federação Russa, Vladimir Putin, pronunciou um extenso discurso, através do qual anunciou ao mundo a decisão de atacar e invadir a Ucrânia, dando um novo impulso a um conflito que se iniciara, em 2014, com a conquista relativamente suave da Crimeia. Na parte final da sua comunicação, Putin como que plasmou uma fórmula curta dos objectivos da operação que se iria iniciar, descrevendo-a nos seguintes termos:

...em conformidade com o artigo 51 da Parte 7 da Carta das Nações Unidas¹, com a sanção do Conselho da Federação da Rússia e em cumprimento dos tratados de amizade e assistência mútua ratificados pela Assembleia Federal a 22 de Fevereiro deste ano com a República Popular de Donetsk e a República Popular de Luhansk, **decidi conduzir uma operação militar especial**. O seu objetivo é proteger as pessoas que foram sujeitas a intimidação e genocídio pelo regime de Kiev durante oito anos. E para isso lutaremos pela **desmilitarização e desnazificação** da Ucrânia, bem como levar à justiça aqueles que cometeram numerosos e sangrentos crimes contra civis, incluindo cidadãos da Federação Russa. Ao mesmo tempo, **os nossos planos não incluem a ocupação de territórios ucranianos**.²

Ao relermos este trecho – e, ao fazermos a sua comparação com os desenvolvimentos mais recentes do conflito, designadamente os muito mediatizados esforços do presidente dos EUA para alcançar um entendimento que conduza à paz –, apercebemo-nos de como o prolongamento da guerra alterou significativamente os propósitos do governo de Moscovo. Os planos que não incluíam a ocupação de territórios ucranianos são, presentemente, abertamente substituídos por reivindicações de propriedade, não só das zonas militarmente ocupadas como também de outras, na posse da Ucrânia, mas já oficialmente anexadas por actos legislativos do parlamento russo.

Falamos, por conseguinte, de CONQUISTAS territoriais, as quais representam um acréscimo de superfície obtido pelo país de maior superfície do mundo. Esse aumento de superfície, afirmam as autoridades de Moscovo, é produzido para consolidar a SEGURANÇA da Federação Russa. Assim sendo, quanto mais a OESTE estiver a fronteira ocidental da Rússia, maior será a segurança do país.

Esta ideia não foi gerada no século XXI nem é uma originalidade de pensamento estratégico da parte de Putin. Na história da Rússia, o sofrimento causado pelas invasões das tropas de Napoleão (1812) e Hitler (1941) como que estabelece um direito de defesa, que aconselha e justifica o deslocamento da fronteira ocidental para a maior distância possível de Moscovo. A materialização deste propósito, para não recuarmos até à expansão do império czarista, foi bem patente desde a constituição da União Soviética (URSS), mais precisamente após a celebração do Pacto Germano-Soviético de 1939. De facto, é a partir desse acordo entre Hitler e Estaline que se vai iniciar o grande deslocamento para ocidente da fronteira ocidental da potência governada por Moscovo. Sumariamente, podemos recordar as seguintes acções militares com invasão e conquista de territórios de outros países:

1939 – invasão da ‘metade’ leste da Polónia

1939-40 – guerra de inverno com a Finlândia

1940 – ocupação da Estónia, Letónia e Lituânia

1940 – ocupação da Bessarabia e da Bukovina do Norte

¹ ARTIGO 51 - Nada na presente Carta prejudicará o direito inerente de legítima defesa individual ou coletiva no caso de ocorrer um ataque armado contra um Membro das Nações Unidas, até que o Conselho de Segurança tenha tomado as medidas necessárias para a manutenção da paz e da segurança internacionais.

² <https://visao.pt/atualidade/mundo/guerra-na-ucrania/2022-02-24-a-declaracao-de-guerra-de-putin-na-integra-quem-nos-temtar-impedir-deve-saber-que-a-resposta-da-russia-sera-imediata/> Sublinhados nossos.



Territórios conquistados pela URSS (1939-40)

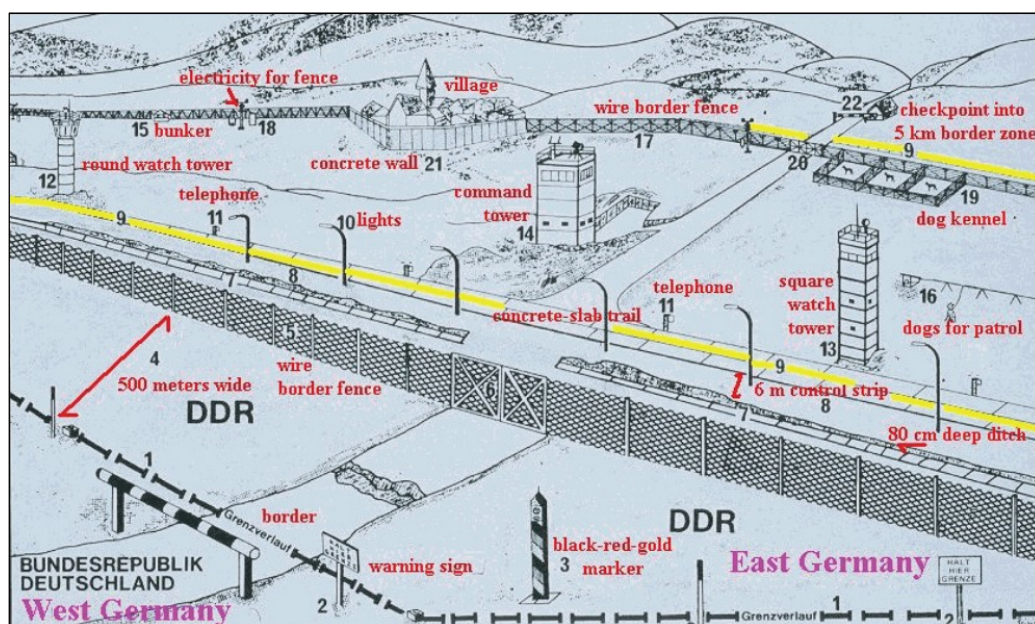
1941-45 – invasão alemã da Rússia e contra-ofensiva para ocidente, até Berlim.



Além dos ganhos territoriais de 1939-40 (a vermelho mais claro), entre 1945 e 1990, a URSS usufruía de uma zona-tampão, composta pelos países do Pacto de Varsóvia (a vermelho mais carregado)

Pela doutrina presentemente defendida pelo Kremlin, a SEGURANÇA da URSS alcançava o seu Zénite e, em contrapartida, os países ocidentais estavam no Nadir da sua. Havia tropas soviéticas em Berlim e as mesmas distavam menos de 100 km de Frankfurt, 600 km de Paris e 700 km de Londres. Tropas que se encontravam, acrescente-se, EM PÉ-DE-GUERRA e diante de uma estrutura

fronteira intimidatória. E, quando no interior dessa fortaleza se produziram indícios de dissidência, o Kremlin não hesitou em recorrer uma vez mais ao argumento da invasão militar – Hungria-1956 e Checoslováquia-1968.



Esquema da organização da fronteira entre as duas Alemanhas, construída pela República Democrática Alemã³

O leitor, querendo, pode comparar o grau de AMEAÇA que, então, a URSS apontava ao Ocidente, com aquele que, em 2022, a Federação Russa declarou estar a suportar da parte da OTAN, antes de desencadear a “operação militar especial”.

Mas o que é verdadeiramente espantoso, em termos de análise histórico-estratégica, é a resposta que poderemos dar à seguinte pergunta: a que notável feito – político, estratégico ou militar –, conduziu a SUPER-SEGURANÇA de que a URSS dispôs, até 1989-90?

E, como não compreender o temor que os pequenos países confinantes com a Federação Russa sentem pelo seu poderoso vizinho, levando-os, naturalmente, a procurar na adesão à OTAN uma segurança que sempre estará em risco, qualquer que seja o regime dominante em Moscovo.

A História não deixará de analisar o exacto nível de AMEAÇA que o Ocidente e a OTAN representavam para a Rússia em 2022. Do cenário mundial dos anos que antecederam a invasão, é possível respigar os seguintes registos:

- A facilidade com que, através de operações dissimuladas nas redes sociais, a Rússia influenciava eleições nos países ocidentais e o referendo sobre o *Brexit*;
- A notória falta de vontade política da maior parte dos países europeus em atribuir recursos financeiros adequados às suas forças armadas, como é, HOJE, amplamente visível;
- A OTAN a ser considerada uma organização obsoleta pelo presidente Trump e em ‘morte cerebral’ pelo presidente Macron;
- A progressiva diminuição da presença militar americana na Europa;
- A Europa fragilizada pela saída do Reino Unido da União Europeia;
- Os laços de cumplicidade económica, sempre crescentes, entre a Rússia e a UE, deixando esta numa forte dependência energética;

³ <https://www.siue.edu/GEOGRAPHY/ONLINE/Vogeler/FortifiedFenced&WalledBorders.htm>

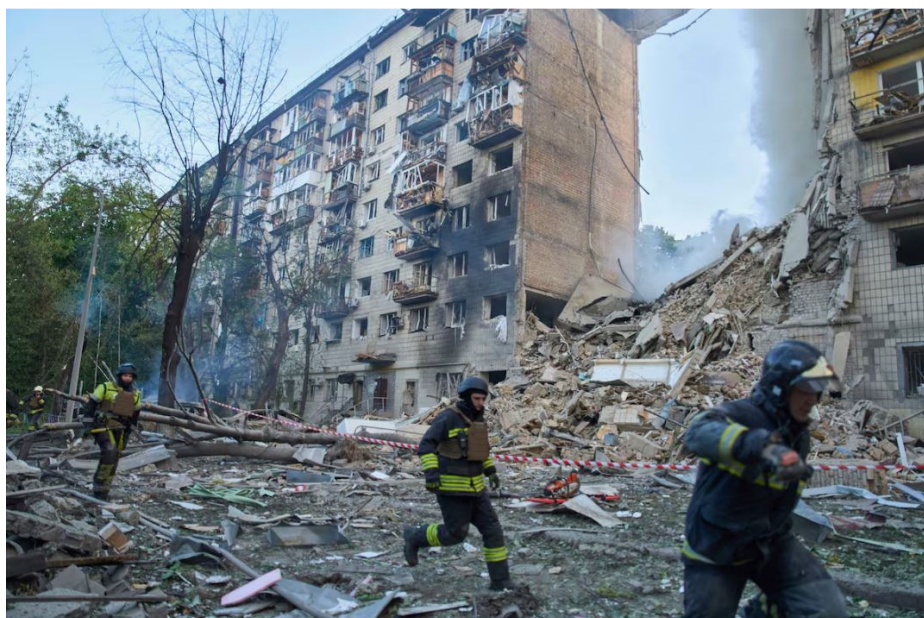
- A Alemanha, maior potência económica e populacional da UE, tendo desde há 30 anos abdicado de ser uma potência militar e, pelo contrário, forjado fortes laços de dependência económica da Rússia;
- A fragilidade estratégica dos EUA, expressa na divisão interna entre os dois maiores partidos, a que se somara o enorme fiasco da retirada do Afeganistão;
- A débil reacção do Ocidente às acções militares da Rússia na Geórgia, no Donbas e à anexação da Crimeia;
- A simpatia, ainda remanescente no Partido Republicano dos EUA, para com a figura de Vladimir Putin;
- A notória prioridade que os EUA davam ao que anteviam ser a ameaça da China.
- O “cuidado” que os EUA e as potências ocidentais tiveram em logo esclarecer, perante a iminência da invasão, que não iriam combater pela Ucrânia.

A AMEAÇA existente era, assim, contra o próprio Ocidente e decorrente das suas múltiplas fragilidades. Deste modo, parecia que estava garantido um sucesso rápido da ‘operação militar especial’, até porque a superioridade de meios das tropas russas assim o permitia prever. E, também, pelo temor que os países da OTAN sempre demonstraram em auxiliar as forças ucranianas a combater, com plena capacidade, as tropas invasoras, proibindo-as de alvejar o território da Rússia com as armas por eles fornecidas. Eram (e são) tantos os cálculos, resultantes da análise do Potencial Relativo de Combate, que apontavam para uma alta probabilidade de vitória das tropas russas, que a resistência em curso há-de produzir, certamente, um registo de grande valor para os militares do país invadido.

Em contrapartida, a reputação militar das tropas russas não sai em alta deste conflito.

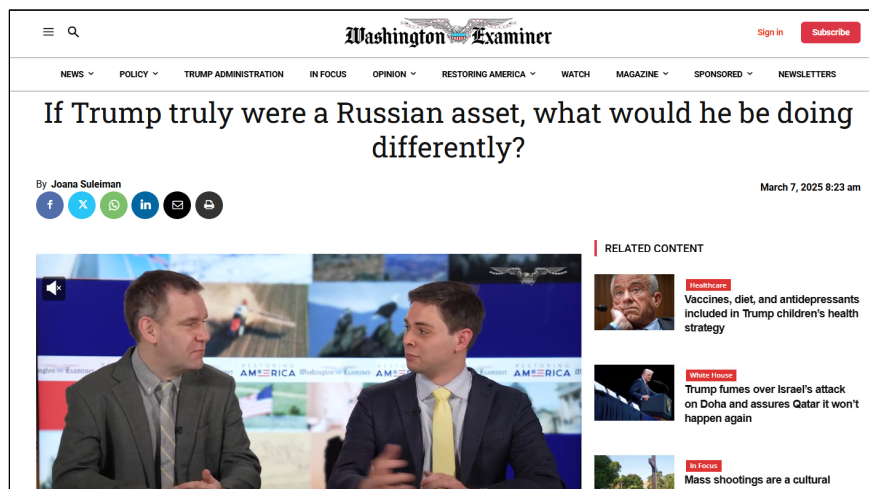
Sobretudo agora, que, ao procurar a capitulação da Ucrânia, bombardeia e assassina civis.

E quando, justamente, a Ucrânia não está ‘autorizada’ a responder na mesma moeda.



À lista de circunstâncias favoráveis ao desencadeamento da “operação militar especial”, que atrás referi, somou-se, a partir de Janeiro de 2025, o regresso de Donald Trump à presidência dos EUA. A sua permanente atitude conciliadora com Putin e diversas vezes conflituosa com Zelenski tem levado a diversos juízos muito críticos do comportamento do inquilino da Casa Branca. Por cá, conhecemos bem o que o presidente Marcelo Rebelo de Sousa afirmou, em finais de Agosto, na Universidade de

Verão do PSD: que Trump seria “um activo soviético ou russo”. Nada que não seja dito e escrito nos próprios EUA, como foi o caso do *Washington Examiner*, jornal conservador afecto ao Partido Republicano, que, muito subtilmente, publicou um artigo cujo título era: *SE TRUMP FOSSE VERDADEIRAMENTE UM ACTIVO RUSSO, O QUE É QUE ESTARIA A FAZER DE MANEIRA DIFERENTE?*



Vale bema pena ler o artigo em

<https://www.washingtonexaminer.com/opinion/3340485/if-trump-were-russian-asset-what-would-he-be-doing-differently>

Voltando à citação das palavras de Putin com que iniciei este texto, a História ficará à espera de uma clarificação sobre três aspectos de contornos muito cinzentos:

- Como entender, politicamente, a necessidade de ‘desnazificação’ de um Estado liderado por um judeu?
- Por que razão são “putinistas” a maior parte dos partidos de extrema-direita europeus e os principais ideólogos do MAGA (Make America Great Again) norte-americano? Não deviam apoiar a ‘Ucrânia nazi’?
- Nos dias de hoje, em que qualquer pessoa faz um vídeo com o telefone, onde podem consultar-se as imagens do genocídio (alegadamente) levado a cabo pelos ucranianos no Donbas, antes da invasão?

A agressão russa à Ucrânia correu mal para todos os envolvidos, directa ou indirectamente. A guerra tornou-se num empreendimento colonial consumidor de vidas e de bens, muito diferentemente do que Putin teria concebido. Percebendo como falhou o plano que concebera para a rápida conquista da Ucrânia, o presidente russo espera que um período de suspensão das hostilidades permita à Federação Russa abalançar-se para uma segunda “operação militar especial”, dentro de poucos anos. A propensão para a marcha para oeste parece ser um irreprimível impulso geoestratégico.

Daí que, na visão do Kremlin, seja indispensável que a Ucrânia permaneça **INVADÍVEL**, isto é, sem qualquer garantia de auxílio externo.

É por esta vereda sombria que a Europa, entalada entre o ‘Kremlin de Washington’ e a ‘Casa Branca’ de Moscovo, se move aos tropeções, ao mesmo tempo que se dá conta das consequências políticas da poupança de décadas em despesas militares. Uma conta calada vem a caminho.

David Martelo – 11 de Setembro de 2025.